

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

334. SIGNIFICATIVO APELO DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838 propiciou e estimulou a criação de entidades similares em numerosas cidades do Brasil, ainda no século passado. Rara a capital estadual ou mesmo cidade de certa importância cultural que não tenha seu Instituto Histórico e Geográfico. No mais das vezes, mais “Histórico” que “Geográfico” e freqüentemente apenas “Histórico”, embora conservando por tradição o título “Histórico e Geográfico”. Alguns, como o do Paraná, acrescentaram ao nome o “Etnográfico”; outros, como o de Sorocaba, o “Genealógico”, ou o pernambuco, que foi fundado com o nome de “Instituto Arqueológico e Geográfico”, sem nenhuma referência à História, que foi sempre sua atividade principal; só depois de mais de trinta anos acrescentou ao nome o “Histórico”, mas ainda com a prioridade do “Arqueológico”. Lembremos, contudo, que o próprio Instituto Brasileiro, modelo de todos os demais, no seu início chamou-se também “Etnográfico”. Mas a denominação que tem prevalecido é a de “Instituto Histórico e Geográfico”, embora o da Bahia tenha invertido os nomes, chamando-se “Geográfico e Histórico”. Mais curioso, ainda, é o caso do cearense (um dos mais antigos), que se denomina simplesmente “Instituto do Ceará”, sem qualquer especificação de sua finalidade.

Não importa o nome. O que vale é reconhecer que há mais de cento e sessenta anos tais entidades vêm desempenhando importante papel, com presença constante na vida cultural do país, no âmbito dos estudos históricos ou áreas afins, embora nem sempre seus métodos de trabalho correspondam ao que se deveria exigir dos modernos estudos históricos. Também isto se torna irrelevante, se considerarmos a contribuição desses institutos estaduais para a divulgação das respectivas histórias, através de suas revistas (e quase todos as possuem) ou de volumes avulsos que constituem preciosas coleções, como o do Paraná, com sua “Estante Paranista” (mais de trinta volumes), ou, mais recente, o de Mato Grosso, com a série de “Publicações Avulsas”, até agora com quinze títulos.

Pareceu-me extremamente significativa a idéia do Instituto Brasileiro de convocar um “Colóquio” dos Institutos similares e que se realizou no Rio de Janeiro, em fins de outubro do ano passado. Mais de vinte Institutos participaram da reunião, da qual resultou importante e oportuno “apelo” que não deverá passar despercebido por parte dos responsáveis pela vida cultural do País. Nele, os Institutos, considerando tudo quanto têm feito ou ainda podem fazer para o cultivo dos estudos brasileiros e o próprio resgate da memória nacional,

“conclamam os poderes públicos federal, estaduais e municipais a encontrar meios institucionais e legais de reconhecimento efetivo desta contribuição, assegurando-lhes recursos financeiros, isenções fiscais e outros benefícios que viabilizem sua atividade; conclamam, igualmente, que lhes sejam asseguradas, em seus campos de atuação, oportunidades concretas de participação nos órgãos condutores e/ou assessores de políticas culturais e científicas; e renovam seu compromisso com a valorização dos traços de nossa formação histórico-cultural, como forma de reafirmar a identidade nacional e a diversidade regional diante dos desafios do processo de globalização”.

Aguardemos - e creio poder falar pela vivência que tenho dos Institutos Históricos (integro o quadro social do de São Paulo há 54 anos e fui distinguindo por mais oito Institutos, inclusive o mais importante deles (o “Brasileiro”), com a categoria de correspondente), aguardemos que dias melhores surjam para que essas tão úteis entidades possam desempenhar mais e melhor seus programas. (30-1-1999).

335. TAUNAY NO CENTENÁRIO DE SEU FALECIMENTO

A primeira referência centenária que nos ocorre neste princípio de 1999 refere-se ao falecimento do Visconde de Taunay, coincidentemente no dia em que a cidade de São Paulo comemorava sua grande data. Já temos nos ocupado muito de Taunay, inclusive nesta folha, apreciando as mais diversas facetas de sua invulgar personalidade e no seu tríptico aspecto de militar, político e escritor. Por ocasião de seu sesquicentenário (1993), dedicamos-lhe dois números especiais (149 e 150) de “Notícia Bibliográfica e Histórica”, publicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Seria redundante repisar o que já foi publicado. Mas, não ficaríamos tranqüilo se não dedicássemos algumas linhas a propósito do centenário de seu falecimento, transcorrido, como foi dito, no dia 25 de janeiro.

A carreira política de Taunay desenvolveu-se em três planos: como deputado pela província de Goiás, como presidente de duas províncias (Santa Catarina e Paraná) e como Senador por Santa Catarina. Dado o caráter vitalício do Senado Imperial, foi nessa função que a queda do regime monárquico o surpreendeu, pondo fim à sua carreira política.

Taunay foi sempre muito ligado à família imperial brasileira, particularmente a D. Pedro II, que foi aluno de seu pai. Eis porque a proclamação da República, da maneira como foi feita e sem a menor consideração para com o velho monarca, obrigado a deixar o País no dia seguinte, causou-lhe funda e triste impressão, que o levou a um sensível recolhimento nos dez anos em que sobreviveu ao regime monárquico. Acrescentando-lhe a isso o fato de seu estado de saúde não ser muito satisfatório, pouco participou da vida brasileira nesse último decênio de sua vida. Continuou escrevendo, não propriamente livros, mas artigos na imprensa do Rio de Janeiro ou na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, páginas mais de saudades e de recolhimentos, muitas delas reunidas por seu filho Afonso de Taunay para formar alguns volumes, publicados muitos anos depois.

Todavia, o reconhecimento de sua obra caíra já no domínio público; tanto que foi um dos convidados para a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Nela ocupou a cadeira nº 13 escolhendo

como patrono a Francisco Otaviano, figura de grande apreciação e relacionamento com Taunay, por ocasião de seu início na vida política.

Como escritor, Taunay produziu muito. Deixou bibliografia constante de quase quarenta títulos em livros e opúsculos, além de uma enorme quantidade de trabalhos em jornais e revistas. Na sua produção há de tudo: romances, novelas, contos, peças de teatro, relatos da guerra do Paraguai, descrições de viagens e da natureza brasileira, relatos de viagens à Europa, reminiscências estudos históricos, lingüísticos é filológicos, crítica literária biografias, estudos sobre índios é línguas indígenas, estudos geográficos, sociais e econômicos, geografia retrospectiva, relatórios administrativos, discursos políticos, discursos em entidades culturais, vulgarização científica (do método hidroterápico do Dr. Kneipp), crítica musical, e ainda numerosas composições musicais.

Martim Francisco (o terceiro do nome), espírito sarcástico e irreverente, que se comprazia em falar mal de todo mundo, ao saber do falecimento de Taunay, num jornal de Santos, onde residia, publicou extensa notícia que assim terminava: "Taunay foi um bom na acepção da palavra. Quem o conheceu não o poderá jamais esquecer. Até aos seus últimos dias quis ser e foi sempre o mesmo homem. Para o soldado que o conheceu na guerra, ele nunca deixou de ser o valente oficial; para o literato, ele será sempre um dos atestados mais brilhantes da mentalidade brasileira; às indagações do historiador consciencioso, Taunay surgirá como um modelo de independência política, de reformista, de agitador de idéias..." Para quem tinha por hábito falar mal de todo mundo, um conceito como esse é profundamente significativo. (6-2-1999)

336. EVOCANDO UM GRANDE ACADÊMICO

Por uma fatalidade, "dessas que descem do Além" (como diria o poeta), a tão esperada sessão inaugural do novo ano acadêmico da Academia Paulista de Letras, quando nada pelo prazer do reencontro de confrades após quase dois meses de recesso, transformou-se, neste início de 1999, numa significativa sessão "em memória" de um companheiro falecido num dos primeiros dias do ano, abrindo, dessa maneira, sensível claro nos quadros da cultura brasileira. Refiro-me ao Professor Antônio Soares Amora, titular, na Academia Paulista, da

cadeira que tem como patrono o Regente Feijó e fora anteriormente ocupada por Eugênio Egas, Roberto Moreira e Alceu Maynard Araújo.

A sessão em memória do saudoso companheiro, na qual falaram diversos acadêmicos, inclusive o signatário desta nota, testemunhou bem o alto conceito em que era tido como professor, crítico literário e historiador da literatura.

Para mim, foi significativo evocá-lo, pois de toda a Academia Paulista, era o de relacionamento mais antigo com ele. Fomos colegas em uma das primeiras turmas da então novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Embora freqüentando cursos diferentes, ainda com diferenças de horário, tivemos numerosas oportunidades de convívio, por assim dizer, extracurriculares. Concluídos os cursos, continuamos vinculados à Faculdade, ele como assistente da Cadeira de Literatura Portuguesa, então regida pelo grande mestre Fidelino de Figueiredo, aliás seu sogro, e guia permanente em toda sua longa trajetória intelectual.

Mais tarde (1947), quando me tornei secretário da Faculdade em que lecionávamos, tive oportunidade, em decorrência de meu cargo, de acompanhar toda a carreira de Soares Amora, nas suas etapas principais: o doutorado, a livre-docência e a cátedra, esta, depois que mestre Fidelino retornou a Portugal.

Para cada uma dessas etapas, contribuiu Soares Amora com substanciosos estudos - verdadeiros livros - sobre temas da literatura portuguesa: "O Nobiliário do Conde D. Pedro: sua concepção histórica e sua técnica narrativa", "El-Rei D. Duarte e o Leal Conselheiro", e o estudo sobre Manuel Pires de Almeida, "um crítico inédito de Camões".

Na Universidade, e fora dela, granjeou Soares Amora excelente renome como professor e até quase o final de sua vida; nunca deixou de trabalhar; publicando livros didáticos ou para-didáticos; ou de pesquisa profunda em temas variados de sua especialidade, e ainda editando textos ou antologias para o estudo da literatura portuguesa: Dirigiu a coleção de Literatura Brasileira, das Edições Cultrix, em oito volumes, incumbindo-se, ele próprio do tomo sobre o romantismo. Sua "Teoria da Literatura", publicada pela primeira vez em 1944 e com diversas reedições, tornou-se um clássico e certamente é a obra mais notável publicada entre nós sobre o tema implícito em seu título.

E isso, sem contar as conferências que proferiu, os cursos que ministrou (no Brasil e na Europa), as teses que orientou, os discípulos que formou, os livros que prefaciou e anotou e as obras coletivas em que colaborou. E sem falar, também, nos cargos importantes que exerceu, como o de Diretor do Departamento de Cultura da Universidade de São Paulo e o de presidente da Fundação Padre Anchieta.

Razão, teve, pois, a Academia Paulista de Letras, e razões temos nós todos, de prantear o desaparecimento do grande confrade, figura ímpar da cultura brasileira, e também profundamente humana, sabendo captar a todos os que com ele tivessem qualquer trato. (6-3-1999).

337. CENTENÁRIO DE UM GRANDE ETNÓLOGO

Transcorrerá amanhã, dia 14 de março, o centenário do nascimento de uma das mais altas expressões da cultura brasileira, nos domínios da Etnologia: o professor Herbert Baldus, alemão de nascimento, mas brasileiro naturalizado e que em nosso país viveu cerca de quarenta anos, deixando uma obra imensa nos domínios de sua especialidade.

Meu relacionamento com Baldus, não pessoalmente, mas através de seus trabalhos, remonta a 1935 ou 36, quando começou a publicar na "Revista do Arquivo Municipal" seus primeiros estudos sobre os Tapirapé. Não simples escritos de circunstância ou de segunda mão, calcados apenas na pesquisa bibliográfica, mas resultantes de exaustivos trabalhos de campo e longa convivência entre aqueles grupos indígenas do Brasil central. Alguns desses escritos constituíram a base para o volume que publicou em 1937, na coleção "Brasiliana" com o título de "Estudos de Etnologia Brasileira", com significativo prefácio de Afonso de Taunay. Tanto se afeiçoou Baldus aos tapirape, que seu último trabalho, publicado poucos meses antes de falecer (1970) foi ainda sobre aquele grupo indígena. E isto, mais de trinta anos depois de publicado o primeiro!

Meu relacionamento pessoal com Baldus veio bem mais tarde, quando circunstâncias ocasionais nos levaram a diversos contatos,

tanto no Museu Paulista, como na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, outra instituição a que Baldus se vinculou, dando-lhe muito, de sua capacidade de trabalho e de sua cultura e onde nos tornamos colegas e companheiros de trabalho. Grande colega, diga-se de passagem, como soube ser grande amigo em todos os momentos, especialmente nas muitas vicissitudes por que passamos, em certa época, naquela instituição. Baldus, sempre à frente das grandes causas e das grandes reivindicações. Seu nome era, para Escola, verdadeiro símbolo.

Deixou Baldus uma obra, imensa, tanto em livros, como o que ficou esparso em publicações científicas do Brasil e de outros países, particularmente na Alemanha e nos Estados Unidos. De sua obra, pode-se dizer que Baldus continuou, em nossos dias, toda uma tradição científica de raízes germânicas, voltada para as culturas indígenas sul-americanas. Tradição que vem de Martius, von den Steinen e Curt Nimuendaju; por ele continuada sob um enfoque tipicamente brasileiro, aperfeiçoando dessa perspectiva as rotas pioneiras de um Couto de Magalhães ou de um Teodoro Sampaio.

Em livros, deixou: **Ensaio de Etnologia Brasileira** (1937), **Dicionário de Etnologia e Sociologia** (1939), em colaboração com Emílio Willems, o capítulo sobre Etnologia do **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros** (1949), **Lendas dos índios do Brasil** (1946), **Bibliografia crítica da Etnologia brasileira** (1954), **Die Jaguarzwillinge** (1958), o segundo volume da **Bibliografia crítica**, publicado em Hamburgo em 1968, e **Tapirapé**, seu último trabalho, publicado, como disse, poucos meses antes de seu falecimento. Muito mais, contudo, foi o que deixou esparso em revistas científicas.

De permeio, ainda achou tempo para alguns trabalhos literários, entre os quais uma biografia romanceada de Elisa Lynch, a célebre amante norte-americana de Solano Lopez ...

Por algum tempo, Baldus lecionou também na antiga Faculdade de Filosofia de Rio Claro, então instituto isolado criado pelo Estado e hoje integrado no grande complexo da Unesp.

É bem possível - e se isto se confirmar, ficarei muito feliz - que esta modesta nota seja a primeira manifestação na imprensa referente ao centenário do grande cientista. (13-3-1999).





